

APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *O rei-máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV*. (Tradução de Cláudio César Santoro). Rio de Janeiro: José Olímpio/EDUNB, 1993, 146p.

Marcos Antonio Lopes *

Publicada na França em 1981, foi saudada pela crítica como uma das mais inventivas e brilhantes obras de História Política. Segundo o próprio autor, seu livro "não é um volume novo sobre o século de Luís XIV nem uma história dos espetáculos à mesma época"; trata-se, antes de qualquer coisa, de uma nova e arrojada interpretação dos mecanismos através dos quais o poder se organizou numa determinada fase da evolução política da França Moderna. O livro é, sem dúvida, uma visão original sobre o sistema político engendrado com a "invenção" da "sociedade de corte" na segunda metade do século XVII, que revelou o Rei-Sol como o mais espetacular arquiteto do absolutismo, dentre todos os monarcas franceses.

Em boa medida tributário da obra clássica de Ernst Kantorowicz (*The king's two bodies. A study in mediaeval political theology*, Princeton, 1957), que vai buscar a imagem idealizada do soberano no Ocidente Moderno mergulhada em raízes feudais, Jean-Marie Apostolidès quer compreender, sobretudo, como o Estado absolutista se auto-iluminava na segunda metade do século XVII. Dito de outra forma, o autor quis explicar os mecanismos de representação da monarquia absolutista diante da sociedade francesa. Em seu enfoque, a elite nobiliárquica é o único segmento que conta em todo o tecido social, a única parcela da sociedade francesa digna de constituir a França enquanto nação. Para ele, a nobreza é de fato o único grupo que se encontrava encarnado no corpo do rei. Integrada organicamente no tecido de um Estado altamente personificado, não pode ser apreendida como uma simples classe ou ordem social, mas como a própria nação, ao lado do rei. Como explica Apostolidès, somente os elementos que possuíam bens suficientes para se introduzir no Estado através de um ofício, podem ser considerados membros organicamente articulados no corpo simbólico. Apesar das disparidades na

* Mestrando em História pelo Departamento de História FFLCH/USP e bolsista da FAPESP.

origem social da elite política, que a esta época contava em seus quadros tanto *gentilhommes* quanto *robins*, todos os seus elementos participam, ainda que em desigualdade de prestígio, do mesmo cerimonial que nivela à todos como satélites no seio do microcosmos solar de Versalhes. Dessa forma, os demais segmentos sociais encontram-se definitivamente afastados desse código de representação situando-se para fora do corpo místico; quem se encontra no exterior do corpo simbólico do rei está na condição de uma simples subalternidade espectadora da nova ordem que se construiu sobre e contra o povo.

Partindo do exemplo histórico da monarquia absoluta na Época Clássica, Apostolidès desenvolve como tese central a idéia de que ao final do reinado de Luís XIV verificou-se uma transformação profunda no cosmos político arquitetado pelo grande rei. Para o autor, à medida em que a França ia se tornando a passos cada vez mais largos um dos núcleos dinâmicos da nova "economia mundial européia", e em que, tanto a política quanto a economia, se desprendiam do controle estritamente pessoal do monarca, verificou-se uma fenda irreparável no centro do poder monárquico. Ao se autonomizar a economia, pela crescente complexidade adquirida nos marcos das novas estruturas econômicas européias, a ponto de não ser mais possível que esta esfera fosse controlada pelo Rei e seu ministro, assiste-se a uma inversão de papéis no coração do poder político: é o que Apostolidès denomina de a passagem do rei-maquinista à condição de rei-máquina. A inorganicidade invade o corpo simbólico do rei e o seu controle sobre a administração é sensivelmente diminuído. Assiste-se então ao processo de despersonalização do Estado, o monarca se travestindo em rei-máquina ao perder a batalha do controle estatal para a burocratização crescente. A nação francesa daí em diante não mais formará um corpo organicamente articulado pois as intermediações entre o espaço privado de Versalhes e a simbólica do Estado encontram-se irremediavelmente modificadas. A política de guerras ruinosas dos últimos 15 anos de um reinado que aos contemporâneos parecia interminável só veio acentuar uma tendência: a da decadência que tornou bastante tangível o choque do universo principesco de um soberano envelhecido e esclerosado pelo ideal de glória contra os horizontes de uma civilização moderna.

Um destaque importante na obra de Apostolidès é o Estado enquanto controlador de toda expressão artística pois para a elite culta do século XVII o espetáculo produzido pelas artes foi uma "necessidade intrinsecamente ligada ao exercício do poder". Na visão do autor, as artes foram a principal via encontrada pelo Rei e Colbert no processo de construção da imagem de um rei cujo perfume predileto era a fumaça do incenso tributada a si mesmo. Assim, todas as formas de representação artística, desde a pintura passando

pela ópera, o teatro e a medalhística, foram orquestradas para ilustrar um só elemento: o Apolo cristão no centro de uma quase heliolatria. Mas o triunfo na arte de louvar Luís XIV coube à literatura. A exuberante "Literatura Encomiástica", que tantos gritos de indignação arrancou ao abade de Saint-Pierre, e lhe valeu o banimento da Academia Francesa por suas críticas a Luís XIV, pretendeu arrebatá-lo de toda a Europa, através de um autêntico combate de hipócritas travado entre os grandes gênios literários da época, as homenagens devidas à apoteose de um novo Hércules.

Ao tornar palpável a representação do corpo simbólico, as artes traduzem intelectual e visualmente a nova concepção de monarca absoluto: a de rei-maquinista pilotando sozinho o Estado. No centro desta representação política está Luís XIV-encenador, rei-roteirista de seu próprio espetáculo que decide sobre os atores, o cenário, os costumes e o herói, invariavelmente ele mesmo. Na ilustrativa expressão de Jean-Marie Apostolides ele é o "rei-maquinista que faz de Versalhes um cenário permanente, (...) cria cortesãos que, dotados de uma sensibilidade e de uma linguagem especiais, evoluem como satélites em torno de um astro luminoso". Com efeito, o universo cortesão idealizado por Luís XIV ofereceu à Europa inteira o espetáculo de uma vida deliciosamente teatral.